

Machado de Assis no divã

Aline Brasil

"Fale-me mais sobre isso." - diria um psicólogo, em sessão de terapia com Machado de Assis, no século passado. Dedo apontado para fragmentos em que o paciente descrevera, em linhas certas, um quadro das tortas psiques humanas, o doutor desejaria mais alguns minutos para entranhar-se no recôndito dos contos e romances e, quem sabe, desvendar o desconhecido da alma que Machado tão bem soubera descortinar.

Cem anos depois, estamos nós no divã, questionando hoje o que já foi matéria-prima do "Dr." Joaquim Maria: o eterno conflito entre a emoção e a razão, a dependência extraordinária da opinião de outrem a respeito de quem somos, o "monstro de olhos verdes" e oblíquos, que dissimula e deteriora as relações, a ambição que leva à decadência moral, geral e irrestrita - tudo o que lota consultórios freudianos e abarrota estantes com livros de autoajuda, faz-se presente nas histórias de Assis.

Cem anos depois, e aqui ainda estamos deitando suas personagens no divã: propondo terapia de casal a Capitu e Bentinho, administrando Diazepam a Rubião, fazendo regressão de memória com Brás Cubas, analisando a esquizofrenia nas duas almas de Jacobina. Foi-se um século, ficaram os estereótipos... Quantas dessas psicoses e neuroses reconhecemos naqueles que nos rodeiam ou, por vezes, nas infelizes experiências da nossa triste condição humana?

Ler Machado de Assis é mergulhar em nossa própria mente,

A V L
Academia Volta-redondense de Letras

encarando recalques e frustrações, liberando o desejo secular de penetrar no inconsciente alheio, olhando-nos no espelho de sua obra, tão imortal quanto a busca pela felicidade subjetiva, que vai além das pressões sociais. É reconhecer em nossa personalidade o que nos diferencia uns dos outros e, ao mesmo tempo, nos torna semelhantes. É perceber que a jornada mais insana e relevante é a que ainda não se fez: a que nos leva para dentro de nós mesmos.

Tudo em Machado é psicologia, é incerteza, é ironia fina. Em seus textos, não há a ditadura dos finais felizes, dos casais perfeitos. Não há respostas, apenas mais perguntas. Não se pode julgar o que não se conhece a fundo, portanto, não há mocinhos ou vilões, somente almas. E, para admiração e confusão eternas de seus leitores, não há tampouco compromisso em agradá-los. Em sua lápide, há cem anos, talvez pudesse ter sido registrado o contrário do que criara para o "célebre" Pestana: expirou mal com os homens e bem consigo mesmo.

* * *

Aline Brasil Quadros (2008)

Texto em alusão ao Centenário da morte de Machado de Assis